

Euinaldo
do cop.

LEON TROTSKY

A ONDE VAI A FRANÇA?

Editora Desafio

Título original: *Où va la France?*

Tradução de Ísis Alves
Tradução dos apêndices: Ana Cristina Machado,
Silvana Foá e Waldo Mermelstein

Revisão:
Luis Leiria e Ísis Alves

Capa: Hiro Okita

Editora Desafio

1ª edição: maio de 1994

UMA VEZ MAIS, AONDE VAI A FRANÇA? (28 de março de 1935)

No momento em que Plandin sucedeu Doumergue, apresentamos à vanguarda proletária a pergunta: "Aonde vai a França?" Os quatro meses decorridos em nada mudaram o essencial e não enfraqueceram nossa análise nem nossos prognósticos. O povo francês se encontra em uma encruzilhada: um caminho leva à revolução socialista, o outro à catástrofe fascista. A escolha do caminho depende do proletariado. À frente deste se encontra sua vanguarda organizada. Apresentamos novamente a questão: para onde a vanguarda proletária levará a França?

O diagnóstico da Internacional Comunista é falso e funesto

O Comité Central executivo do partido socialista lançou em janeiro um programa de *luta pelo poder, de destruição do aparato do Estado burguês, de instauração da democracia operária e camponesa, de expropriação dos bancos e dos ramos concentrados da indústria*. Apesar disso, até agora o partido não moveu o dedo mínimo para levar este programa até as massas. O Partido Comunista, por sua vez, se nega redondamente a tomar o caminho da luta pelo poder. A causa? "A situação não é revolucionária."

As milícias? O armamento dos operários? O controle operário? Um plano de estatizações? Impossível! "A situação não é revolucionária." O que se pode fazer? Lançar grandes petições com os clericais, exercer a eloquência oca com os radicais e esperar. Até quando? Até que a situação se torne revolucionária por si mesma. Os sábios médicos da Internacional Comunista têm um

termômetro, que colocam sob a axila dessa velha que é a História e, desse modo, determinam infalivelmente a temperatura revolucionária. Mas não mostram o termômetro a ninguém.

Afirmamos: o diagnóstico da Internacional Comunista é radicalmente falso. A situação é tão revolucionária quanto pode ser com a política não-revolucionária dos partidos operários. O mais certo é dizer que a situação é pré-revolucionária. Para que ela amadureça, falta uma mobilização imediata, forte e incansável das massas em nome do socialismo. Esta é a única condição para que a situação pré-revolucionária se torne revolucionária. Do contrário, se se continua marcando passo no mesmo lugar, a situação pré-revolucionária se tornará contra-revolucionária e levará à vitória do fascismo.

A frase habitual sobre a "situação não-revolucionária" atualmente serve apenas para encher a cabeça dos operários, paralisar sua vontade e deixar o inimigo de classe com as mãos livres. Sob a cobertura de frases parecidas, o conservadorismo, a indolência, a estupidéz e a covardia se apoderam das direções do proletariado e se prepara a catástrofe, como na Alemanha.

Objetivo deste trabalho

Nas páginas seguintes, nós, bolcheviques leninistas, submetemos a uma crítica marxista detalhada o diagnóstico e o prognóstico da Internacional Comunista. Ocasionalmente, nos detemos sobre pontos de vista dos diversos ditigentes socialistas, na medida em que for necessário para nosso objetivo fundamental: mostrar a falsidade radical da política do Comité Central do Partido Comunista Francês. Aos gritos e insultos dos stalinistas vamos opor fatos e argumentos.

Naturalmente, não nos limitaremos a uma simples crítica. Vamos opor aos pontos de vista e palavras de ordem falsos as idéias e os métodos criativos de Marx e Lênin.

Pedimos ao leitor uma atenção concentrada. O que está em jogo é, no sentido mais direto e imediato, a cabeça do proletariado francês. Nenhum operário consciente tem o direito de permanecer impassível diante dessas questões, de cuja solução depende a sorte de sua classe.

I - COMO SE FORMA UMA SITUAÇÃO REVOLUCIONÁRIA?

A premissa econômica da revolução socialista

A primeira e mais importante premissa de uma situação revolucionária é a exacerbação intolerável das contradições entre

as forças produtivas e as formas de propriedade. A nação deixa de avançar. A freada do desenvolvimento da potência econômica, mais que isso, sua regressão significam que o sistema capitalista de produção desgastou-se por completo e deve dar lugar ao sistema socialista.

A crise atual, que abrange todos os países e atrasa a economia em dezenas de anos, empurrou definitivamente o sistema burguês para o absurdo. Se no início do capitalismo operários famintos e ignorantes destruíram as máquinas, agora quem destrói as máquinas são os próprios capitalistas. De agora em diante, a manutenção da propriedade privada dos meios de produção ameaça a humanidade com a barbárie e a degeneração.

A base da sociedade é sua economia. Esta base está madura para o socialismo em um duplo sentido: a técnica moderna alcançou um nível tal que poderia assegurar um elevado bem-estar ao povo e a toda a humanidade; mas a propriedade capitalista, que sobrevive, condena os povos a uma pobreza e sofrimentos cada vez maiores.

A premissa fundamental, econômica, do socialismo existe desde muito tempo. Mas o capitalismo não desaparecerá de cena por si mesmo. Somente a classe operária pode arrancar as forças produtivas das mãos dos exploradores que as estrangulam. A história nos coloca esta tarefa de forma aguda. Se o proletariado se encontra, por esta ou aquela razão, incapaz de derrotar a burguesia e tomar o poder, se está, por exemplo, paralisado por seus próprios partidos e sindicatos, o declínio da economia e da civilização continuará, as calamidades serão acrescentadas, o desespero e a prostração se apoderarão das massas e o capitalismo -- decrépito, corrompido, apodrecido -- estrangulará os povos, cada vez com mais força, arrastando-os para o abismo de novas guerras. Não há salvação fora da revolução socialista.

Esta é a última crise do capitalismo ou não?

Inicialmente, o presidium da Internacional Comunista tentou explicar que a crise, iniciada em 1929, era a última crise do capitalismo. Dois anos depois, Stálin declarou que a crise atual, "provavelmente", ainda não é a última. Do lado socialista encontramos a mesma intenção de profecia: é ou não a última crise?

"É imprudente afirmar -- escreve Blum em *Le Populaire* de 23 de fevereiro -- que a crise atual é como um espasmo supremo do capitalismo, o último sobressalto antes da agonia e decomposição." É o mesmo ponto de vista de Grumbach, que afirmou em Mulhose, no dia 26 de fevereiro: "Alguns afirmam que esta crise é passageira; outros vêem nela a crise final do sistema

capitalista. Ainda não nos atrevemos a nos pronunciar definitivamente."

Nesta forma de colocar a questão há dois erros cardinais: em primeiro lugar, se mistura a *crise conjuntural* com a *crise histórica de todo o sistema capitalista*; em segundo lugar, admite-se que, *independentemente da atividade consciente das classes*, uma crise pode, *por si mesma*, ser a "última crise".

Sob a dominação do capital industrial, na época da livre competição, os ascensos conjunturais ultrapassavam de longe as crises; os primeiros eram a "regra", os segundos a "exceção", o capitalismo, em seu conjunto, estava em ascensão. Desde a guerra, com a dominação do capitalismo financeiro monopolista, as crises conjunturais ultrapassam de longe os reanimamentos; pode-se dizer que as crises se converteram em regra e os ascensos em exceção; o desenvolvimento econômico, em seu conjunto, não cresce, decai.

No entanto, as oscilações conjunturais são inevitáveis e, mesmo com o capitalismo doente, vão perpetuar-se enquanto ele existir. E o capitalismo vai perpetuar-se enquanto não se realizar a revolução proletária. Esta é a única resposta correta.

Fatalismo e marxismo

O revolucionário proletário deve compreender, antes de tudo, que o *marxismo*, única teoria científica da revolução proletária, nada tem em comum com a espera fatalista da "última" crise. Por sua própria essência, o marxismo é um *guia para a ação revolucionária*. O marxismo não ignora a vontade e a coragem, ajuda-as a encontrar o caminho justo.

Não há nenhuma crise que, *por si mesma*, possa ser "mortal" para o capitalismo. As oscilações da conjuntura criam somente uma situação na qual será mais fácil ou mais difícil para o proletariado derrotar o capitalismo. A passagem da sociedade burguesa para a sociedade socialista pressupõe a atividade de pessoas vivas, que fazem sua própria história. Não a fazem por acaso nem segundo seu gosto, mas sob a influência de causas objetivas determinadas. Entretanto, suas próprias ações -- sua iniciativa, sua audácia, sua devoção ou, pelo contrário, sua estupidéz e sua covardia -- entram como elos necessários na cadeia do desenvolvimento histórico.

Ninguém contou as crises do capitalismo nem indicou de antemão qual será a "última". Mas toda a nossa época, e sobretudo a crise atual, dita imperiosamente ao proletariado: *Tome o poder!* Se o partido operário, apesar das condições favoráveis, se mostra incapaz de levar o proletariado à conquista do poder, a

vida da sociedade continuará, necessariamente, sobre bases capitalistas; até uma nova crise ou uma nova guerra; talvez até a desmononamento completo da civilização européia.

A "última" crise e a "última" guerra

A guerra imperialista de 1914-18 representou também uma "crise" na evolução do capitalismo e, certamente, a mais terrível de todas as crises possíveis. Em nenhum livro se predisse que essa guerra seria a *última* loucura sangrenta do capitalismo ou não. A experiência da Rússia demonstrou que a guerra *podia* ser o fim o capitalismo. Na Alemanha e na Áustria, em 1918, a sorte da sociedade burguesa dependeu inteiramente da social-democracia, mas esta mostrou serva do capital. Na Itália e na França, o proletariado teria podido conquistar o poder ao fim da guerra, mas não tinha a sua frente um partido revolucionário. Em resumo, se a Segunda Internacional, no momento da guerra, não tivesse traído a causa do socialismo para aderir ao patriotismo burgueses, toda a história da Europa e da humanidade seria hoje completamente diversa. Mas o passado não pode ser reparado. Contudo, é possível aprender as lições que nos deixa.

O desenvolvimento do fascismo é, em si mesmo, o teste-munho irrefutável de que a classe operária demorou terrivelmente a cumprir a tarefa colocada diante dela, há muito tempo, pelo declínio do capitalismo.

A frase esta crise ainda não é a "última" não pode ter mais que um sentido: apesar das lições da guerra e das convulsões do pós-guerra, os partidos operários ainda não souberam se preparar nem preparar o proletariado para a tomada do poder; pior ainda, os chefes desses partidos, até agora, não vêem sequer sua própria tarefa, transferem-na para o "desenvolvimento histórico", em vez de assumi-las, enquanto partido e classe. O fatalismo é uma traição teórica contra o marxismo e a justificação da traição política contra o proletariado, isto é, a preparação de uma nova capitulação ante uma nova "última" guerra.

A Internacional Comunista adotou as posições do fatalismo social-democrata

O fatalismo da social-democracia é uma herança do pré-guerra, quando o capitalismo crescia quase sem interrupção, aumentava o número de operários, aumentava o número de membros do partido, de votos nas eleições e de mandatos conquistados nestas. Deste ascenso automático nasceu, pouco a pouco, a ilusão reformista de que é suficiente continuar pelo velho caminho (propaganda, eleições, organização) e a vitória virá por si mesma.

É verdade que a guerra desbaratou o automatismo do desenvolvimento. Mas a guerra é um fenómeno "excepcional". Com a ajuda de Genebra, não haverá uma nova guerra, tudo voltará ao normal e o automatismo do desenvolvimento será restabelecido.

À luz dessa perspectiva, a frase "esta não é a última crise" deve significar: "Em cinco anos, em dez anos, em vinte anos, teremos mais votos e mais postos eletivos; então, é só esperar e tomaremos o poder." (Ver os artigos e discursos de Paul Faure). Este fatalismo otimista, que parecia convincente há um quarto de século, ressoa agora como uma voz de além-túmulo. A idéia de que, no caminho para a futura crise, o proletariado se tornará infalivelmente mais poderoso que agora é radicalmente falsa. Com o inevitável apodrecimento posterior do capitalismo, o proletariado não crescerá nem se fará mais forte, mas vai se decompor, fazendo cada vez maior o exército de desocupados e lumpemproletários; entretanto, a pequena burguesia se desqualificará e cairá em desespero. A perda de tempo abre uma perspectiva para o fascismo, e não para a revolução proletária.

É preciso destacar que também a Internacional Comunista, burocratizada até a medula, substituiu a teoria da ação revolucionária pela religião do fatalismo. É impossível lutar, pois "não há situação revolucionária". Mas uma situação revolucionária não cai do céu; é formada na luta de classes. O partido do proletariado é o fator *político* mais importante para se formar uma situação revolucionária. Se esse partido dá as costas às tarefas revolucionárias, adormecendo e enganando os operários para brincar com petições e confraternizar com os radicais, então deve formar-se não uma situação revolucionária, mas contra-revolucionária.

Como a burguesia analisa a situação?

O *declínio do capitalismo*, juntamente com o grau extraordinariamente elevado das forças produtivas, é a premissa econômica da revolução socialista. Sobre esta base se desenvolve a *luta de classes*. Na luta viva das classes se forma e amadurece uma *situação revolucionária*.

Como analisa a situação atual e age a *grande burguesia*, o amo da sociedade contemporânea? O 6 de fevereiro de 1934 não foi inesperado senão para as organizações operárias e a pequena burguesia. Os centros do grande capital participavam há muito tempo do complot, com o objetivo de substituir o parlamentarismo pelo bonapartismo (regime "pessoal"), através da violência. Isto significa: os bancos, os trustes, o Estado-Maior, a grande imprensa julgaram o perigo da revolução tão próximo que correram a se preparar para ela mediante um "pequeno" golpe de Estado.

Deste fato surgem duas conclusões importantes: 1. os capitalistas, desde antes de 1934, julgavam a situação revolucionária; 2. não ficaram a esperar passivamente o desenvolvimento dos acontecimentos, para no último momento recorrer a uma defesa "legal", mas tomaram a iniciativa lançando seus grupos à rua. A grande burguesia deu aos operários uma apreciável lição de estratégia de classes!

L'Humanité repete que a Frente Única derrubou Doumergue. Falando moderadamente, isso é uma fanfarronada. Ao contrário, se o grande capital julgou possível e razoável substituir Doumergue por Flaminio⁽¹⁾, é unicamente porque a Frente Única não representa ainda um perigo revolucionário imediato, algo de que a burguesia já se convenceu por experiência própria. "Já que os terríveis dirigentes da Internacional Comunista, apesar da situação do país, não se prepararam para a luta, mas tremem de medo, quer dizer que é possível esperar para se passar ao fascismo. É inútil forçar os acontecimentos e comprometer prematuramente os radicais, de quem ainda podemos necessitar." Isto é o que dizem os verdadeiros donos da situação. Eles mantêm a união nacional e seus decretos bonapartistas, colocam o Parlamento sob o terror, mas deixam de apoiar-se em Doumergue. Os chefes do capital fizeram assim um certa correção na sua análise original, reconhecendo que a situação não é imediatamente revolucionária, mas pré-revolucionária.

Segunda admirável lição de estratégia de classes! Mostra que mesmo o grande capital, que tem a sua disposição todas as alavancas de comando, não pode analisar de um só golpe *a priori* e infalivelmente, a situação política em toda a sua realidade: entra na luta e, no processo, com base na experiência que esta lhe dá, corrige e precisa sua análise. Em geral, este é o único meio possível de orientar-se corretamente em política e, ao mesmo tempo, ativamente.

E os chefes da Internacional Comunista? Em Moscou, sem levar em conta o movimento operário francês, alguns burocratas medíocres, mal informados, que em sua maioria nem sequer lêem francês, dão o diagnóstico infalível, com a ajuda do seu termômetro: "A situação não é revolucionária." O Comité Central do Partido Comunista francês é obrigado a repetir esta frase vazia, fechando olhos e orelhas. O caminho da Internacional Comunista é o caminho mais curto para o abismo!

(1) Foi em novembro de 1934 que Pierre Blum e Flaminio substituíram Gaston Doumergue, depois que uma importante parte dos radicais, manifestando as maiores reservas em relação à reforma constitucional iniciada pelo governo, o colocou em minoria no Parlamento.

O sentido da capitulação dos radicais

O *partido radical* representa o *instrumento político da grande burguesia*. Apesar disso, os principais chefes do radicalismo, sob o chicote do capital financeiro, se inclinaram humildemente ante o golpe de Estado de 6 de fevereiro, dirigido imediatamente contra eles.⁽²⁾ Desse modo, reconheceram que a evolução da luta de classes ameaça os interesses fundamentais da "nação", isto é, da burguesia, e se viram obrigados a sacrificar os interesses eleitorais do seu partido. A capitulação do partido mais poderoso no Parlamento ante os revólveres e navalhas dos fascistas é a expressão do *desmoronamento completo do equilíbrio político do país*. Mas, quem diz estas palavras, afirma que a situação é revolucionária ou, para ser mais exato, pré-revolucionária⁽³⁾.

A pequena burguesia e a situação pré-revolucionária

Os processos que se desenvolvem nas massas da pequena burguesia têm uma importância excepcional para uma análise da situação política. A crise política do país é, antes de tudo, a crise de confiança das massas pequeno-burguesas em seus partidos e em seus chefes tradicionais. *O descontentamento, o nervosismo, a instabilidade, o arrebatamento fácil da pequena burguesia* são sinais extremamente importantes de uma situação pré-revolucionária.

Assim como o doente que arde de febre se vira para os lados direito e esquerdo, a pequena burguesia febril pode virar-se para a direita ou para esquerda. De acordo com o lado para o qual se virem nos próximos tempos os milhões de camponeses, artesãos, pequenos comerciantes e pequenos funcionários franceses, a situação pré-revolucionária tanto pode transformar-se em revolucionária como em contra-revolucionária.

(2) Foi o radical Edouard Daladier que decidiu a demissão do prefeito de polícia Chiappe, decisão que forneceu o pretexto para a manifestação das ligas de 6 de fevereiro, no momento da violação de um voto de confiança ao governo Daladier. As ligas exigiam a renúncia de Daladier e avançaram sobre o Palácio de Bourbon, sede do Parlamento, com a intenção de ocupá-lo. A polícia repentinamente tentava com um grande saldo: 17 mortos e centenas de feridos. No dia seguinte, Daladier renunciou, no que foi interpretado como uma capitulação à rebelião da direita.

(3) É muito característico da *burrocracia operária* pequeno-burguesa assustada, sobretudo dos stalinistas, aliar-se com os radicais "para lutar contra o fascismo" depois de os radicais terem demonstrado sua completa incapacidade de lutar contra o fascismo. O acordo eleitoral com os radicais, que era um crime do ponto de vista dos interesses históricos do proletariado, tinha pelo menos um sentido prático nos marcos restritos do parlamentarismo. *A aliança extra-parlamentar com os radicais contra o fascismo é não só um crime, mas também uma estupidiez* (Nota de Trotsky).

A melhora da conjuntura econômica poderia -- não por muito tempo -- atrasar, mas não frear, a diferenciação da pequena burguesia à direita ou à esquerda. Se, ao contrário, a crise se aprofundasse, a ruptura do radicalismo e de todos os grupos parlamentares que gravitam ao seu redor teria sua velocidade redobrada.

Como pode ocorrer um golpe de Estado na França?

Não se deve pensar que o fascismo precisa, necessariamente, tornar-se um poderoso partido parlamentar antes de chegar ao poder. Foi assim na Alemanha, mas na Itália ocorreu de outro modo. Para o êxito do fascismo, não é obrigatório, em absoluto, que a pequena burguesia tenha rompido *previamente* com os antigos partidos "democráticos": é suficiente que tenha perdido a confiança que tinha nestes e que olhe inquieta ao seu redor, em busca de novos caminhos.

Nas próximas eleições municipais, a pequena burguesia ainda pode dar um número importante de votos aos radicais e aos grupos próximos a eles, por falta de um novo partido político que consiga conquistar a confiança dos camponeses e dos pequenos burgueses das cidades. Ao mesmo tempo, o fascismo pode dar um golpe de força militar, com a ajuda da grande burguesia, alguns meses depois das eleições e, mediante sua pressão, atrair a simpatia das camadas mais desesperadas da pequena burguesia.

Por isso, seria uma ilusão grosseira consolar-se pensando que a bandeira do fascismo ainda não se tornou popular no interior e nos povoados. As tendências antiparlamentares da pequena burguesia podem, escapando aos limites da política parlamentar oficial dos partidos, apolar direta e indiretamente um golpe de Estado militar, quando este se fizer necessário para a salvação do grande capital. Tal modo de ação corresponde muito mais às tradições e ao temperamento da França⁽⁴⁾.

Os números das eleições têm, naturalmente, uma importância sinomática. Mas apoiar-se sobre este único dado seria dar prova de cretinismo parlamentar. Trata-se de processos mais profundos que, numa manhã ruim, podem surpreender os senhores parlamentares. Neste, como nos demais campos, a questão não é resolvida pela aritmética, mas pela dinâmica da luta.

(4) Notemos de passagem que o marxismo não ignora em absoluto elementos tais como a tradição e o temperamento nacional. A direção fundamental do desenvolvimento é determinada, evidentemente, pela evolução de sua luta de classes. Mas as *formas* de movimento, seu ritmo, etc., podem variar muito sob a influência do temperamento e das tradições nacionais, que por sua vez se formaram, no passado, sob a influência da luta de classes (Nota de Trotsky).

A grande burguesia não registra passivamente a evolução das classes médias, mas prepara as tenazes de aço com a ajuda das quais poderá agarrar, no momento oportuno, as massas que tor-
turou e deixou em desespero.

Dialética e metafísica

O pensamento marxista é *dialético*: considera todos os fenômenos em seu desenvolvimento, em sua passagem de um estado a outro. O pensamento do pequeno burguês conservador é *metafísico*: suas concepções são imóveis e imutáveis; entre os fenômenos existem paredes impermeáveis. A oposição absoluta entre uma situação revolucionária e uma situação não-revolucionária é um exemplo clássico do pensamento metafísico, segundo a fórmula: o que existe, existe; o que não existe, não existe, e o resto é coisa de feitiçaria.

No processo histórico existem situações estáveis absolutamente não-revolucionárias. Existem ainda situações notoriamente revolucionárias. Há também situações contra-revolucionárias (é preciso não esquecê-lo!). Mas o que existe sobrepuja em nossa época de capitalismo em decomposição as situações *intermediárias, transitórias*: entre uma situação não-revolucionária e uma situação pré-revolucionária, entre uma situação pré-revolucionária e uma situação revolucionária... ou contra-revolucionária. São precisamente estes estados transitórios que têm uma importância decisiva do ponto de vista da estratégia política.

O que diríamos de um artista que não distinguisse mais que duas cores extremas no espectro? Que é daltonico ou meio cego, e que deve renunciar ao pincel. O que dizer de um político que não seja capaz de distinguir mais que dois estados: "revolucionário" e "não-revolucionário"? Que não é um marxista, mas um stalinista, que pode ser um bom funcionário, mas de modo algum um dirigente proletário.

Uma situação revolucionária se forma pela ação recíproca de fatores objetivos e subjetivos. Se o partido do proletariado se mostra incapaz de analisar a tempo as tendências da situação pré-revolucionária e de intervir ativamente em seu desenvolvimento, em lugar de uma situação revolucionária surgirá, inevitavelmente, uma situação contra-revolucionária. É precisamente *diante deste perigo que se encontra o proletariado francês atualmente*. A política míope, passiva, oportunista, da Frente Única, e sobretudo dos stalinistas, que se converteram em sua ala direita: eis o *principal obstáculo no caminho da revolução proletária na França*.

II - AS REIVINDICAÇÕES IMEDIATAS E A LUTA PELO PODER

A paralisia da Frente Única

O Comitê Central do Partido Comunista rejeita a luta pela estatização dos meios de produção como uma reivindicação incompatível com o Estado burguês. Mas o Comitê rejeita também a luta pelo poder para a criação de um Estado operário. A essas tarefas *opõe* um programa de "reivindicações imediatas".

A Frente Única (5) está, neste momento, privada de qualquer programa. Ao mesmo tempo, a experiência do próprio Partido Comunista no terreno da luta por "reivindicações imediatas" tem um caráter decididamente lamentável. Todos os discursos, artigos e resoluções sobre a necessidade de combater o capital através de greves até agora não conseguiram nada, ou quase nada. Apesar de uma situação cada vez mais tensa no país, reina na classe operária uma *perigosa paralisia*.

O Comitê Central do Partido Comunista acusa todo mundo por essa paralisia, exceto a si mesmo. Não nos dispomos a deixar ninguém a salvo. Nossos pontos de vista são conhecidos. Mas pensamos que, atualmente, o *principal obstáculo* no caminho do desenvolvimento da luta revolucionária é o programa unilateral, contraditório com toda a situação, quase maníaco, das "reivindicações imediatas". Aqui queremos lançar luz sobre as considerações e argumentos do Comitê Central do Partido Comunista com toda a amplitude necessária. Não que esses argumentos sejam sérios e profundos: ao contrário, são miseráveis. Mas trata-se de uma questão da qual depende a sorte do proletariado francês.

A resolução do Comitê Central do Partido Comunista sobre as "reivindicações imediatas"

O documento mais autorizado sobre a questão das "reivindicações imediatas" é a resolução programática do Comitê Central do Partido Comunista (ver *L'Humanité* de 24 de fevereiro). Vamos nos deter neste documento.

A enunciação das reivindicações imediatas é feita de forma muito geral: defesa dos salários, melhoria dos serviços sociais, contratos coletivos, "contra a carestia", etc. Não se diz uma palavra sobre o caráter que pode e deve tomar a luta por essas reivindicações nas condições da presente crise social. Apesar disso,

(5) Neste período, que se seguiu à conclusão do pacto de unidade de ação entre os partidos Socialista e Comunista, e especialmente neste artigo, o termo "Frente Única", é usado por Trotsky para designar a frente socialista-comunista, ou o bloco destes dois partidos operários.

todo operário compreende que, com dois milhões de desempregados ou semi-empregados, a luta sindical por contratos coletivos é uma utopia. Nas condições atuais, para obrigar os capitalistas a fazerem concessões sérias, é necessário *quebrar sua vontade*; e não se pode chegar a isso senão através de uma ofensiva revolucionária. Mas uma ofensiva revolucionária que opõe uma classe a outra não pode desenvolver-se unicamente sob palavras de ordem econômicas parciais. Cai-se em um *círculo vicioso*. Aí está a principal causa da paralisia da Frente Única.

A tese marxista geral -- *as reformas sociais não são mais que subprodutos da luta revolucionária* --, em época de declínio capitalista, têm importância mais candente e imediata. Os capitalistas não podem ceder *alguma coisa* aos operários senão quando ameaçados pelo perigo de perder tudo.

Mesmo as maiores "concessões" de que o capitalismo contemporâneo (encurralado, ele mesmo, num beco sem saída) é capaz serão sempre absolutamente insignificantes em comparação com a miséria das massas e a profundidade da crise social. Eis porque a mais imediata de todas as reivindicações deve ser a *expropriação dos capitalistas e a estatização (socialização) dos meios de produção*. Esta reivindicação é irrealizável sob o domínio da burguesia? Evidentemente. Por isso é necessário conquistar o poder.

Por que as massas não respondem ao chamado do Partido Comunista?

A resolução do Comitê Central reconhece, de passagem, que "o partido não teve êxito ainda em organizar e desenvolver a resistência à ofensiva do capital". Mas a resolução não se detém na questão de saber por que então, apesar dos esforços do PCF e da CGTU⁽⁶⁾, os êxitos no terreno da luta econômica defensiva são absolutamente insignificantes. Da greve geral de 12 de fevereiro, que não visava a nenhuma "reivindicação imediata", participaram milhões de operários e funcionários. No entanto, na defesa contra a ofensiva do capital não participaram, até agora, mais que uma fração ínfima deste número. Este fato assombrosamente claro não leva os "chefes" do Partido Comunista a nenhuma conclusão? Por que *milhões de operários se arriscam a participar da greve geral*, em manifestações de rua agitadas, em conflito com os grupos fascistas, mas se *recusam a participar de greves econômicas dispersas*?

(6) A CGTU (Confederação Geral do Trabalho Unitária), fundada em 1921, era controlada pelo PC.

"É preciso compreender -- diz a resolução -- os sentimentos que agitam os operários desejosos de passar à ação." É preciso compreender... Mas o problema é que os próprios autores da resolução não compreendem nada. Qualquer um que freqüente as reuniões operárias sabe tão bem quanto nós que os discursos gerais sobre as "reivindicações imediatas" deixam muitas vezes o auditório em um estado de carrancuda indiferença; as palavras de ordem claras e precisas, ao contrário, têm como resposta uma onda de simpatia. Esta diferença de reação das massas caracteriza do modo mais claro a situação política do país.

"No momento atual -- destaca inesperadamente a resolução --, a luta econômica necessita de *pesados sacrifícios* da parte dos operários." Deveria ser acrescentado: e só como exceção promete resultados positivos. No entanto, a luta por reivindicações imediatas tem como tarefa *melhorar* a situação dos operários. Ao colocar esta luta em primeiro plano, renunciando, por ela, às palavras de ordem revolucionárias, os stalinistas consideram, sem dúvida, que é precisamente a luta econômica parcial a mais capaz de sublevar grandes massas. Confirma-se justamente o contrário: as massas quase não respondem aos chamados por greves econômicas. Como é possível, em política, não se levar os fatos em consideração?

As massas compreendem ou sentem que, nas condições de crise e desemprego, os conflitos econômicos parciais exigem sacrifícios inauditos, que em nenhum caso serão justificados pelos resultados obtidos. As massas esperam e exigem outros métodos mais eficazes. Senhores estrategistas: aprendam das massas; elas são guiadas por um instinto revolucionário seguro.

A conjuntura econômica e a luta grevista

Apoiando-se em citações mal digeridas de Lênin, os stalinistas repetem: "A luta grevista é possível mesmo em tempo de crise." Não entendem que há crises e crises. Em época de capitalismo ascendente, mesmo durante uma crise aguda, tanto industriais quanto operários olham para a frente, em direção à próxima retomada. *A crise atual é a regra, e não a exceção*. No terreno puramente econômico, o proletariado é repellido, em retirada desordenada, pela terrível pressão da catástrofe econômica. Por outro lado, o declínio do proletariado o empurra com todo seu peso para o caminho da luta política revolucionária de massa. No entanto, a direção do Partido Comunista tende, com todas as suas forças, a colocar obstáculos nesse caminho. Assim, nas mãos dos stalinistas, o programa de "reivindicações imediatas" se transforma em um instrumento de desorientação e desorganização do

proletariado. No entanto, uma ofensiva política (luta pelo poder) com uma defesa armada ativa (milícias) modificaria de um só golpe a relação de forças entre as classes e abriria *para as camadas operárias mais atrasadas* a possibilidade de uma luta econômica vitoriosa.

A possibilidade de um reanimamento da conjuntura

O capitalismo agonizante, como se sabe, também tem seus ciclos, ainda que sejam ciclos declinantes, doentes. Somente a revolução proletária pode acabar com a crise do *sistema capitalista*. A crise *conjuntural*, inevitavelmente, dará lugar a um novo e breve reanimamento, se nesse intervalo não vier a guerra ou a revolução.

Em caso de reanimamento da conjuntura econômica, a luta grevista poderá, sem dúvida, ter uma extensão muito maior. Por isso é necessário seguir com atenção o movimento do comércio e da indústria, particularmente as mudanças no mercado de trabalho, sem confiar nos meteorólogos da escola de Jouhaux e ajudando, na prática, os operários a fazer pressão sobre os capitalistas no momento necessário. Mas, mesmo no caso de uma luta grevista ampliada, seria criminoso limitar-se a reivindicações econômicas parciais. O reanimamento da conjuntura não pode ser nem profundo nem extenso, pois já conhecemos os ciclos de um capitalismo irremediavelmente doente. A nova crise -- depois de um breve reanimamento -- pode ser mais terrível que a presente. De novo surgirão todos os problemas fundamentais, com força e agudeza redobradas. Se se perde tempo, o crescimento do fascismo pode revelar-se irresistível.

Mas o reanimamento econômico, hoje, não é mais que uma hipótese. A realidade é o aprofundamento da crise, o serviço militar de dois anos, o rearmamento da Alemanha, o perigo da guerra. É desta realidade que se deve partir.

O espólio do reformismo fazendo as vezes de programa revolucionário

A idéia final da resolução programática do Comité Central coroa dignamente todo o edifício. Citemo-la literalmente:

"Combatendo cada dia para aliviar as massas trabalhadoras das misérias que lhes impõe o regime capitalista, os comunistas sublinham que a liberação definitiva não pode ser conseguida senão pela abolição do regime capitalista e a instauração da ditadura do proletariado."

Esta fórmula não soava mal no princípio da social-democracia, há meio século ou mais. A social-democracia dirigia então, não sem êxito, a luta dos operários por reivindicações e reformas isoladas, pelo que se chamava de "programa mínimo", "sublinhando" bem que a liberação *definitiva* não seria realizada a não ser através da revolução. O "objetivo final" do socialismo era desenhado então na longínqua nebulosa dos anos. Esta concepção, que ainda sobrevivia na véspera da guerra, é a que o Comité Central do Partido Comunista transportou sublimemente para nossa época, repetindo-a palavra por palavra, até a última vírgula.

E essa gente invoca Marx e Lênini!

Quando "sublinham" que a "*liberação definitiva*" não pode ser conseguida senão pela abolição de regime capitalista conspiram para enganar os operários com a ajuda desta verdade elementar. Pois sugerem a idéia de que uma certa melhoria, e até mesmo uma melhoria importante, pode ser obtida no quadro do regime atual. Mostram o capitalismo decadente e em decomposição como seus pais e avós mostravam o capitalismo robusto e ascendente. O fato é indiscutível: os stalinistas se enfeitam com o espólio do reformismo.

A fórmula política marxista, na realidade, deve ser explicar cotidianamente às massas que o capitalismo burguês em decomposição não deixa espaço para melhorias da situação das massas, nem mesmo para a manutenção do nível de miséria atual; colocar abertamente ante as massas a tarefa da revolução socialista como a tarefa imediata de nossos dias; mobilizar os operários para a tomada do poder; defender as organizações operárias por meio das milícias; os comunistas (ou os socialistas) não perdem, ao mesmo tempo, uma só ocasião de arrancar ao inimigo tal ou qual concessão parcial ou, pelo menos, impedi-lo de rebaixar ainda mais o nível de vida dos operários.

Compare-se atentamente esta fórmula com as linhas da resolução do Comité Central citadas acima. Esperamos que a diferença seja clara. De um lado, o *stalinismo*; do outro, o *lentinismo*. Entre eles, um abismo.

Um meio seguro contra o desemprego

O aumento de salários, os contratos coletivos, a redução do custo de vida... Mas o que fazer com o desemprego? A resolução do Comité Central também nos ajuda sobre isso. Citemo-la:

"Eles (os comunistas) exigem o início de obras públicas. Para isso, elaboram propostas concretas adaptadas a cada situação local ou regional, preconizam os meios de financiar estas

obras (projeto de imposto sobre o capital, empréstimos com a garantia do Estado, etc.)."

Não é assombroso? Esta receita de charlatão foi copiada de Jouhaux, quase palavra por palavra: os stalinistas rejeitam as reivindicações progressivas do "Plano" deste e adotam sua parte mais fantasiosa e utópica.

As principais forças produtivas da sociedade estão paralisadas ou semiparalisadas pela crise. Os operários estão entorpecidos diante das máquinas que criaram. O Comitê Central salvador propõe: *fora da economia capitalista real, as suas costas, criar outra economia capitalista, sobre a base de obras públicas.*

Que não nos digam que se trata de empresas episódicas: o desemprego atual não é episódico; não é simplesmente um desemprego conjuntural, mas estrutural, a expressão mais pernicioso do declínio capitalista. Para eliminá-lo, o Comitê Central propõe a criação de um sistema de grandes obras, adaptado a cada região do país, com a ajuda de um sistema de financiamento à parte das desordenadas finanças do capitalismo. Em poucas palavras, o Comitê Central do Partido Comunista simplesmente propõe ao capitalismo que troque de domicílio. Este é o "plano" que se opõe à luta pelo poder e ao programa de estatização! *Não há oportunidades piores que os aventureiros assustados.*

Sobre como chegar à realização das obras públicas, ao imposto sobre o capital, aos empréstimos garantidos, etc., não se diz uma palavra. Sem dúvida, será com a ajuda de... *petições*. Este é o meio de ação mais oportuno e eficaz. As petições não resistem nem as crises, nem o fascismo, nem o militarismo. Por outro lado, as petições fazem reviver a indústria do papel e atenuam o desemprego. Notemos bem: a organização de petições, parte fundamental do sistema de obras públicas segundo o plano de Thorez e Cia.

De quem se ri essa gente? De si mesma ou do proletariado?

O Partido Comunista é um freio

"É assombroso que o proletariado suporte passivamente semelhantes privações e violências depois de uma luta de classe mais que centenária." Esta frase tão alva pode ser escutada a cada momento na boca de um socialista ou de um comunista, em particular. A resistência é insuficiente? Joga-se a responsabilidade sobre os ombros das massas operárias. Como se os partidos e os sindicatos se encontrassem à margem do proletariado e não fossem seus órgãos de luta! É precisamente porque o proletariado, como resultado da história mais que centenária de suas lutas, criou suas organizações políticas e sindicais que lhe é difícil, quase impossível, levar a luta contra o capital *sem elas e contra elas*. No

entanto, isso que se construiu como alavanca para a ação se converteu em um peso morto ou em um freio.

A situação, em sua totalidade, inspira aos trabalhadores a idéia de que são necessárias ações revolucionárias para mudar todas as condições de existência. Mas, precisamente porque se trata de uma luta decisiva, que deve envolver milhões de homens, a iniciativa recai naturalmente sobre as *organizações dirigentes*, sobre os partidos operários, sobre a Frente Única. Deles deve sair um programa claro, palavras de ordem, mobilizações de combate. *Para levantar as massas, os partidos devem empenhar-se, eles mesmos, iniciando uma campanha revolucionária audaciosa no país.* Mas as organizações dirigentes, o Partido Comunista incluído, não têm coragem de fazê-lo. O PC joga suas tarefas e responsabilidades sobre as massas. Exige que milhões de homens, os quais deixou sem direção revolucionária, empreendam combates dispersos por reivindicações parciais e mostrem assim aos burocratas céticos que estão dispostos a encetar a luta. Então, pode ser que os grandes chefes constintam em comandar a ofensiva. Em lugar de dirigir as massas, o Comitê Central burocrático submete-as a exame, atribui-lhes uma nota ruim e, desse modo, justifica seu oportunismo e covardia.

Palavras de ordem fabricadas "segundo Lênin"

No momento de equilíbrio econômico e político relativo da França (1929-1933), o Comitê Central do Partido Comunista proclamou o "terceiro período", e não queria dar-se por satisfeito senão com a conquista das ruas através de barricadas. Agora, no momento de crise econômica, social e política, o mesmo Comitê Central se contenta com um modesto programa de "reivindicações imediatas". Esta contradição absurda é um produto complexo de muitos fatores: o terror ante seus últimos erros, a incapacidade de escutar as massas, o hábito burocrático de prescrever ao proletariado um itinerário pré-fabricado; enfim, a anarquia intelectual; resultado de ziguezagues, falsificações, mentiras e repescões inumeráveis.

O autor direto do novo programa é, sem dúvida, o atual "chefe" da Internacional Comunista, Bela Kun, que passa, alternadamente, do aventurismo ao oportunismo. Tendo lido em um livro de Lênin que os bolcheviques estiveram, *em certas condições*, a favor das greves, e os mencheviques contra, Bela Kun, em um abrir e fechar de olhos, fundamentou nesta descoberta sua política "realista". Para seu azar, Bela Kun não tinha aberto Lênin na página adequada.

Em certos períodos, as greves econômicas tiveram realmente um papel enorme no movimento revolucionário do proletariado.

do russo. Bem, o capitalismo russo não estava em decomposição nesse momento, mas crescia e se elevava rapidamente. O proletariado era uma classe nova e as greves eram, para ele, a primeira forma de despertar e de atividade. Por último, o crescimento das greves coincidia com a alta conjuntural da indústria.

Nenhuma dessas condições existe na França. O proletariado francês tem às suas costas uma grandiosa escola de revolução, de luta sindical e parlamentar, com toda a herança positiva e negativa desse rico passado. Seria difícil esperar um transbordamento espontâneo do movimento grevista na França, mesmo num período de crescimento econômico, quanto mais quando a crise conjuntural aprofunda as feridas da decadência capitalista.

O outro lado da questão não é menos importante. No momento do primeiro movimento grevista impetuoso na Rússia, houve uma única fração da social-democracia russa que tentou limitar-se às reivindicações econômicas parciais: aqueles a quem se chamou "os economicistas". Segundo eles, era necessário deixar de lado a palavra de ordem "abaixo a autocracia!" até o surgimento de uma "situação revolucionária". Lênin considerou os "economicistas" oportunistas miseráveis. Demonstrou que *era preciso preparar ativamente uma situação revolucionária*, mesmo num período de movimento grevista.

Em geral, é absurdo transportar mecanicamente para a França as diversas etapas e episódios do movimento revolucionário russo. Mais impossível ainda é fazê-lo à maneira de Bela Kun, que não conhece nem a Rússia, nem a França, nem o marxismo. De Lênin, é necessário aprender o *método de ação* e não converter o leninismo em citações e receitas boas para qualquer acontecimento da vida.

"Paz, Pão e Liberdade!"

Na opinião dos stalinistas, a situação na França não é revolucionária; por isso, as palavras de ordem revolucionárias são inoportunas; é preciso concentrar toda a atenção na greves econômicas e nas reivindicações parciais. Este é o programa. É um programa oportunista e sem vida, mas um programa.

No entanto, existe outro a seu lado. *L'Humanité* repete a cada dia a tripla palavra de ordem: "Paz, pão e liberdade." Debaixo dela, explica *L'Humanité*, os bolcheviques venceram em 1917. Seguindo os stalinistas, just repete a mesma idéia. Muito bem. Mas na Rússia, em 1917, havia uma situação notoriamente revolucionária. Então, como pode ser que palavras de ordem que asseguraram o êxito da revolução proletária sejam consideradas boas como "reivindicações imediatas" em uma situação não-revolucio-

nária? Que os astrólogos de *L'Humanité* expliquem a nós, simples mortais, este mistério.

Por nosso lado, vamos recordar que "reivindicações imediatas" encerrava a tripla palavra de ordem dos bolcheviques.

"*Pela paz*" Em 1917, em condições de guerra, isto significava a luta contra todos os partidos patrióticos, dos monarquistas aos mencheviques, a reivindicação da publicação de todos os tratados secretos, a mobilização revolucionária dos soldados contra o comando e a *confraternização na frente de batalha*. "Pela paz": isto significava um desafio ao militarismo, da Alemanha e da Áustria por um lado, e da Entente por outro. A bandeira dos bolcheviques significava assim a política mais audaciosa e revolucionária já conhecida pela história da humanidade.

"Lutar" pela paz em 1935, em aliança com Herriot e os "pacifistas" burgueses, isto é, os imperialistas hipócritas, significa simplesmente apoiar o *status quo*, que *por enquanto* é bom para a burguesia francesa. Significa adormecer e desmoralizar os operários com as ilusões do "desarmamento", dos "pactos de não-agressão" e a mentira da Sociedade das Nações, preparando uma nova capitulação dos partidos operários no momento em que a burguesia francesa ou seus rivais considerarem útil modificar o *status quo*.

"Pelo pão!" Para os bolcheviques, em 1917, isto significava a *expropriação da terra e das reservas de trigo dos latifundiários e dos especuladores, e o monopólio do comércio de trigo em mão do governo dos operários e camponeses*. O que significava "Pelo pão!" para nossos stalinistas de 1935? Uma simples repetição verbal!

"Pela liberdade!" Os bolcheviques mostravam às massas que a liberdade é uma ficção enquanto as escolas, a imprensa, os lugares de reunião permanecerem nas mãos da burguesia. "Pela liberdade!" significava: a tomada do poder pelos soviets, a expropriação dos latifundiários, o controle operário da produção.

"Pela liberdade!", em aliança com Herriot e as veneráveis damas de ambos os sexos da Liga dos Direitos do Homem, (7) significa apoiar os governos semibonapartistas, semiparlamentaristas, e nada mais. Atualmente, a burguesia necessita não só dos grupos de La Rocque, como também da reputação de "esquerda" de Herriot. O capital financeiro ocupa-se em armar os fascistas. Os stalinistas restabelecem a reputação de esquerda de Herriot através das fantasias da Frente Popular. Eis para que servem, em 1935, as bandeiras da Revolução de Outubro!

(7) Fundada da época do caso Dreyfus, a Liga dos Direitos do Homem reune personalidades radicais e socialistas e tinha uma forte influência da maçonaria.

Dragões e pulgas

Como único exemplo da nova política "realista", a resolução do Comitê Central conta que os desempregados de Villejuif comem a sopa dos *Croix de Feu* ⁽⁸⁾ e gritam: "La Rocque à force!" Quantos homens comem a sopa, quantos gritam, é o que não se diz: os stalinistas não podem suportar os números. Mas a questão não é esta... Até onde deve cair o partido revolucionário para não encontrar em uma resolução programática mais exemplos de política proletária que os gritos impotentes de operários esmagados e famintos, obrigados a alimentar-se com as migalhas da filantropia fascista! Esses chefes não se sentem nem humilhados nem envergonhados! Ao falar de alguns de seus discípulos, Marx citou uma vez as palavras de Heine⁽⁹⁾: "Semei dragões e colhi pulgas." Recemos que os fundadores da Terceira Internacional devam repetir estas palavras... No entanto, nossa época não necessita de pulgas, e sim de dragões!

III - A LUTA CONTRA O FASCISMO E A GREVE GERAL

O programa da Internacional Comunista e o fascismo

O programa da Internacional Comunista, escrito em 1928, no período de sua decadência teórica, diz: "A época do imperialismo é a época do capitalismo agonizante." Em si mesma, esta afirmação, formulada muito antes por Lênin, é absolutamente indiscutível e tem uma importância decisiva para a política do proletariado em nossa época. Mas os autores do programa da Internacional Comunista não compreenderam em absoluto a tese que adotaram mecanicamente sobre o capitalismo *agonizante* ou *em decomposição*. Esta incompreensão aparece de modo particularmente claro na questão mais candente: o fascismo.

O programa da Internacional Comunista diz sobre essa questão: "Ao lado da social-democracia, que ajuda a burguesia a sufocar o proletariado e a adormecer sua vigilância, aparece o fascismo." A Internacional Comunista não compreendeu que a missão do fascismo não é atuar *ao lado* da social-democracia, mas esmagar todas as velhas organizações operárias, inclusive as organizações reformistas. A tarefa do fascismo é, segundo o programa,

(8) Em vários países, as formações fascistas ou fascizantes tentavam recrutar membros nas fileiras operárias organizando o auxílio para os desempregados (as "sopas"). Foi o caso em Villejuif, onde a sopa popular dos Croix de Feu fora inaugurada em meados de fevereiro.

(9) Um dos grandes escritores românticos alemães do século XIX.

"destruir as camadas *comunistas* do proletariado e seus quadros dirigentes". O fascismo, em absoluto, não ameaçaria a social-democracia e os sindicatos reformistas; pelo contrário, a própria social-democracia desempenharia cada vez mais um "papel fascista". O fascismo não faria outra coisa que completar a obra do reformismo, atuando *"ao lado* da social democracia".

Não citamos um artigo de quaisquer Thorez e Duclos, que se contradizem a cada passo, mas o documento fundamental da Internacional Comunista, seu programa (ver capítulo II, parágrafo 3: "A crise do capitalismo e o fascismo"). Nele encontramos todos os elementos fundamentais da teoria do *social-fascismo*. Os chefes da Internacional Comunista não compreenderam que o capitalismo em decomposição já não pode admitir sequer a social-democracia mais moderada e mais servil, nem como partido no poder nem como partido de oposição. O fascismo é chamado a tomar seu lugar, não "ao lado da social-democracia", mas sobre seu cadáver. É precisamente daí que surgem a possibilidade, a necessidade e a urgência da Frente Única. Mas a pobre direção da Internacional Comunista não tentou aplicar a política de Frente Única senão quando esta não estava imposta à social-democracia. Depois que a situação do reformismo se enfraqueceu e que a social-democracia caiu sob os golpes, a Internacional Comunista rejeitou a Frente Única. Esta gente tem a enfiadonha tendência de se cobrir no verão e de sair no inverno sem nem mesmo uma folha de parreiral!

Apesar da instrutiva experiência na Itália, a Internacional Comunista inscreveu em sua bandeira o genial aforismo de Stálin: "A social-democracia e o fascismo não são antípodas, mas gêmeos." Esta é a causa principal da derrota do proletariado alemão. É verdade que, na questão da Frente Única, a Internacional Comunista deu uma brusca guinada: os fatos se mostraram mais poderosos que o programa. Mas o programa da Internacional Comunista não foi suprimido ou modificado. Não se explicou aos operários seus erros fundamentais. Os chefes da Internacional Comunista, que perderam a confiança em si mesmos, conservaram, *para qualquer eventualidade*, um caminho de retirada em direção às posições do "social-fascismo". Isso dá à política da Frente Única um caráter sem princípios, diplomático e instável.

As ilusões reformistas e stalinistas

A incompreensão do sentido da tese de Lênin sobre o "capitalismo agonizante" dá a toda a política atual do Partido Comunista Francês um caráter de impotência gritante, completada com ilusões reformistas. Agora que o fascismo representa o produto

orgânico da decadência capitalista, os stalinistas se convenceram, subitamente, da possibilidade de acabar com o fascismo sem tocar as bases da sociedade burguesa.

Em 6 de março, Thorez escrevia pela centésima-primeira vez em *L'Humanité*:

"Com o objetivo de assegurar o fracasso *definitivo* do fascismo, propomos novamente ao partido socialista a ação comum pela defesa das reivindicações imediatas..."

Todo operário consciente deve refletir bem sobre esta frase "programática". Como sabemos, o fascismo nasce da união do desespero das classes médias com a política terrorista do grande capital. As "reivindicações imediatas" são as que não se sentem dos limites do capitalismo. Permanecendo no terreno do capitalismo em decomposição, como se pode então "assegurar a derrota definitiva (!)" do fascismo?

Quando Jouhaux diz que acabando com a crise (não é tão simples!) teremos vencido também o fascismo, é pelo menos fiel a si mesmo: guarda ainda, guardará sempre; esperanças na regeneração e no rejuvenescimento do capitalismo. Ora, os stalinistas reconheceram, em palavras, a inevitabilidade da decomposição próxima do capitalismo. Como podem então prometer sanear a superestrutura política, assegurando o fracasso definitivo do fascismo, e ao mesmo tempo deixar intacta a base econômica em decomposição da sociedade?

Pensam que o grande capital pode fazer voltar atrás a roda da História e colocar-se outra vez na via das concessões e das "reformas"? Acreditam que a pequena burguesia pode ser salva da ruína crescente, da marginalidade e do desespero com a ajuda de "reivindicações imediatas"? Como conciliar essas ilusões sindicais e reformistas com a tese do capitalismo agonizante?

Tomada no plano teórico, a posição do Partido Comunista representa, como vimos, o absurdo mais completo. Vejamos como esta posição aparece à luz da luta prática.

A luta pelas reivindicações imediatas e o fascismo

Em 28 de fevereiro, Thorez explicava nos seguintes termos a mesma idéia central e radicalmente falsa da política atual do Partido Comunista.

"Para derrotar definitivamente o fascismo, evidentemente é necessário deter a ofensiva econômica do capital contra o nível de vida das massas trabalhadoras."

Para que a milícia operária? Para que uma luta direta contra o fascismo? Se o nível de vida das massas tende a elevar-se, o fascismo desaparecerá como por arte de mágica.

Lamentavelmente, nessas linhas, toda a perspectiva da luta próxima está completamente desfigurada e as reais relações estão postas de cabeça para baixo. Os capitalistas não chegam ao fascismo por gosto, mas por necessidade: já não podem conservar a propriedade dos meios de produção senão dirigindo a ofensiva contra os operários, reforçando a opressão, semeando ao seu redor a miséria e o desespero. Ao mesmo tempo, temendo a inevitável resposta dos operários, os capitalistas, por meio de seus agentes, excitam a pequena burguesia contra o proletariado, acusando-o de fazer a crise mais extensa e profunda, e financiam os grupos fascistas para esmagar os operários.

Se amanhã a resposta dos operários à ofensiva do capital se fizer mais forte, se as greves se fizerem mais frequentes e mais importantes, ao contrário do que Thorez afirma, o fascismo não desaparecerá, mas crescerá duplamente. O crescimento do movimento grevista provocará uma mobilização de fura-greves. Todos os bandidos "patriotas" se colocarão em movimento. Os ataques cotidianos contra os operários estarão na ordem do dia. Fechar os olhos diante disso é caminhar para uma derrota certa.

Quer dizer -- dirão Thorez e seus amigos -- que não se deve responder à ofensiva? E em seguida nos dirigirão as injúrias habituais sobre as quais passaremos como por uma poça de água suja. Não, é preciso responder. Não pertencemos, em absoluto, à escola que pensa que a melhor salvaguarda está no silêncio, na retirada e na capitulação. "Não provocar o inimigo!", "Não se defender!", "Não se armar!", "Apolar-se sobre as costas com as quatro patas no ar!" O teórico desta escola estratégica não deve ser buscado entre nós, mas na redação de *L'Humanité*! O proletariado deve responder, se não quer ser esmagado. Mas não pode admitir nenhuma ilusão reformista ou pacifista. A luta será feroz. É necessário prever com antecipação as consequências inevitáveis da resposta e preparar-se para elas.

Com sua ofensiva atual, a burguesia dá um caráter novo, incomparavelmente mais agudo, à relação entre a situação econômica e a situação social do capitalismo em decomposição. Exatamente do mesmo modo, os operários também devem dar a sua defesa um caráter novo, que responda aos métodos do inimigo tal, é preciso saber defender, ao mesmo tempo, as próprias organizações contra os grupos mercenários do capital. É impossível fazer isso de outro modo que não através da *milícia operária*. Nenhuma afirmação verbal, nenhum grito, nenhum insulto de *L'Humanité* poderá invalidar esta conclusão. Particularmente, é necessário dirigir-se aos sindicatos dizendo: camaradas, vossas sedes e vossos jornais serão saqueados e vossas organizações

reduzidas a pó, se não criarem imediatamente *destacamentos de defesa sindical* ("milícia sindical"), se não demonstrarem com fatos que não cederão uma só polegada ao fascismo sem combater.

A greve geral não é um jogo às escondidas

No mesmo artigo (de 28 de fevereiro), Thorez queixa-se:

"O partido socialista não aceitou nossas propostas de uma grande ação, a greve incluída, contra os decretos-leis ainda em vigor."

A greve incluída? Que greve? Como o que Thorez tem em vista é a abolição dos decretos-leis, aparentemente não são greves econômicas parciais, mas a greve geral, quer dizer, política. Não pronuncia a palavra "greve geral" para não colocar em evidência que não faz mais do que repetir nossa velha proposta. A que astúcias humilhantes esta pobre gente deve recorrer para disfarçar suas oscilações e contradições!

Este procedimento parece ter-se convertido em método. Na carta aberta de 12 de março, o Comitê Central do Partido Comunista propõe ao partido socialista iniciar uma campanha decisiva contra o serviço militar de dois anos "por todos os meios, inclusive a greve..." Outra vez a mesma fórmula misteriosa! O Comitê Central tem em vista, evidentemente, a greve como meio de luta política, quer dizer, revolucionária. Mas, então, por que teme pronunciar em voz alta o nome greve geral e fala de greve, secamente? Com quem o Comitê Central brinca às escondidas? Com o proletariado?

A preparação da greve geral

Mesmo que deixem de lado esses procedimentos impróprios destinados a salvar o "prestígio", permanece o fato de que o Comitê Central do Partido Comunista propõe a greve geral para a luta contra a legislação bonapartista de Doumergue-Flandin. Concordamos plenamente com isso. Mas exigimos que os chefes das organizações operárias compreendam, eles mesmos, e expliquem às massas o que significa a greve geral nas condições atuais e como se preparar para ela.

Mesmo uma simples greve econômica exige normalmente uma organização de combate, em particular *piquetes*. Nas atuais condições de exacerbação da luta de classes, de provocação e terror fascistas, uma séria organização de piquetes é a condição vital de todo conflito econômico importante. Imaginemos, no entanto, que qualquer chefe sindical declare: "Não é preciso *piquetes*, isso é uma provocação; basta a *autodefesa* dos grevistas!"

Evidentemente, os operários deveriam aconselhar tal "chefe" a ir para um hospital, ou talvez diretamente a um hospício. Os piquetes são precisamente o órgão mais importante da autodefesa dos grevistas!

Estendamos tal raciocínio à greve geral. Não temos em vista uma simples manifestação nem uma greve simbólica de uma hora, ou mesmo de 24 horas, mas uma operação de combate, com o objetivo de obrigar o adversário a ceder. Não é difícil compreender que exacerbação terrível da luta de classes significará a greve geral nas condições atuais! Os grupos fascistas surgiram por todas as partes como os cogumelos após a chuva, e tentariam, com todas as suas forças, sementar a confusão, a provocação e a dispersão nas fileiras grevistas. Como se poderia evitar vítimas superfluas e, inclusive, um esmagamento total da greve geral, senão por meio de destacamentos de combate operários severamente disciplinados? A greve geral é uma greve parcial generalizada. A *milícia operária é um piquete de greve generalizada*. Somentes as garelas e fanfarrões miseráveis podem, nas condições atuais, brincar com a idéia de greve geral, recusando-se, ao mesmo tempo, a um trabalho sério para a criação da milícia operária!

A greve geral numa "situação não-revolucionária"

Mas as desgraças do Comitê Central do Partido Comunista não terminaram:

A greve geral, como todos os marxistas sabem, é um dos meios de luta mais revolucionários. A greve geral não se torna possível senão quando a luta de classes se eleva sobre todas as exigências particulares e corporativas, se estende através de todos os locais de trabalho e bairros, apaga as fronteiras entre sindicatos e partidos, entre legalidade e ilegalidade e mobiliza a maioria do proletariado, opondo-a ativamente à burguesia e ao Estado. Acima da greve geral não pode haver senão a insurreição armada. Toda a história do movimento operário testemunha que toda greve geral, quaisquer que sejam as palavras de ordem sob as quais tenha surgido, tem uma tendência interna a transformar-se em conflito revolucionário declarado, em luta direta pelo poder. Em outras palavras: a greve geral não é possível a não ser em condições de extrema tensão política, e por isso mesmo é sempre expressão indiscutível do caráter revolucionário da situação. Neste caso, como pode o Comitê Central propor a greve geral? "A situação não é revolucionária!"

É possível que Thorez nos conteste afirmando que tem em vista não a verdadeira greve geral, mas uma pequena greve bem dócil, na justa medida para uso da redação do *L'Humanité*? Ou

pode ser que -- acrescenta ele discretamente --, prevendo a negativa dos chefes da SFIQ, nada atisca ao propor a greve geral? O mais verossímil é que Thorez, como objeção, simplesmente nos acuse de montar um complô com Chiappe, o ex-Alfonso XIII⁽⁹⁾ e o papa: estas são as respostas que melhor assentam a Thorez!

Mas todo operário comunista com uma cabeça sobre os ombros deve refletir sobre as gritantes contradições de seus infelizes chefes: é impossível construir a milícia operária porque a situação não é revolucionária; é impossível fazer propaganda em favor do armamento do proletariado, quer dizer, preparar os operários para a situação revolucionária futura; mas, segundo parece, é possível chamar os operários a uma greve geral, agora mesmo, embora a situação não seja revolucionária. Verdadeiramente, aqui são ultrapassados todos os limites da confusão e do absurdo!

"Sovietes em todas as partes!"

Em todas as reuniões podem-se ouvir os comunistas repetir a palavra de ordem "Sovietes em toda parte!", que lhes ficou como herança do "terceiro período". É absolutamente evidente que esta palavra de ordem, se tomada a sério, tem um caráter profundamente revolucionário: é impossível estabelecer o regime dos soviets de outra maneira que não pela insurreição armada contra a burguesia. Mas a insurreição *armada* supõe uma *arma* nas mãos do proletariado. Assim, as palavras de ordem "soviets em toda parte", "armamento dos operários" estão ligadas entre si, estreita e indissoluvelmente. Por que então a primeira palavra de ordem é incessantemente repetida pelos stalinistas e a segunda considerada "provocação dos trotskistas"?

Nossa perplexidade é ainda mais legítima porque a palavra de ordem de armamento dos operários corresponde muito mais à situação política atual e ao estado psicológico do proletariado. A palavra de ordem dos "soviets", por sua própria essência, tem um caráter ofensivo e supõe uma revolução vitoriosa. No entanto, atualmente, o proletariado se encontra em uma situação defensiva. O fascismo o ameaça diretamente com o esmagamento físico. A necessidade de defesa, inclusive armada, atualmente é mais compreensível e está mais ao alcance das massas que a idéia da ofensiva revolucionária. Assim, a bandeira do armamento pode contar, na presente etapa, com um eco muito mais amplo e ativo que a dos soviets.

Como um partido operário pode então, se não trair realmente os interesses da revolução, deixar escapar uma situação

(10) Alfonso XIII (1878-1941) foi rei da Espanha.

tão excepcional e comprometer desonestamente a idéia de armamento, em vez de popularizá-la ardentemente?

Estamos dispostos a reconhecer que nossa pergunta está ditada por nossa natureza "contra-revolucionária" e, em particular, por nossas aspirações de provocar uma intervenção militar: sabe-se que quando o Mikado⁽¹¹⁾ e Hitler se convencerem, graças a nossa pergunta, de que Bela Kun e Thorez sofrem de uma corrente de ar na cabeça, declararão guerra à URSS.

Tudo isso foi irrefutavelmente estabelecido por Duclos e não exige provas. Mas, ainda assim, dignem-se a responder: como se pode chegar aos soviets sem insurreição armada? Como chegar à insurreição sem armamento dos operários? Como defender-se do fascismo sem ter armas? Como chegar ao armamento, ainda que parcial, sem divulgar esta palavra de ordem?

Mas a greve geral é possível num futuro próximo?

Para uma pergunta desse tipo não existe resposta *a priori*, isto é, preparada de antemão. Para se ter uma resposta, é necessário saber interrogar. A quem? As massas. Como interrogá-las? Por meio da agitação.

A agitação não é somente o meio de comunicar às massas certas bandeiras, de chamá-las à ação, etc. Para o partido, a agitação é também um meio de escutar as massas, sondar seus estado de ânimo e seus pensamentos e, segundo os resultados, tomar esta ou aquela decisão prática. Somente os stalinistas transformaram a agitação em um monólogo barulhento: para os marxistas, para os leninistas, *a agitação é sempre um diálogo com as massas*.

Mas para que esse diálogo dê os resultados necessários, o partido deve saber avaliar corretamente a situação geral no país e determinar as linhas gerais da luta próxima. Auxiliado pela agitação e pela sondagem das massas, o partido deve realizar as correções e precisões necessárias em sua linha, particularmente no que concerne ao *ritmo do movimento e ao momento das grandes ações*.

A situação no país foi definida acima: tem um caráter pré-revolucionário com o caráter não-revolucionário da direção do proletariado. Considerando-se que a política do proletariado é o principal fator no desenvolvimento de uma situação revolucionária, o caráter não-revolucionário da direção proletária impede a transformação da situação pré-revolucionária em situação revolucionária declarada e, desse modo, contribui para transformá-la em situação contra-revolucionária.

(11) Mikado era o nome dado ao imperador do Japão, na época Hirofio, que reinava desde 1926.

Entretanto, na realidade objetiva, não há limites estritos entre as diferentes fases do processo político. Uma etapa se insere na outra e, em consequência, a situação apresenta contradições. Estas contradições, certamente, tornam mais difíceis o diagnóstico e o prognóstico, mas não os impedem por completo.

As forças do proletariado não somente não foram enfraquecidas, como, inclusive, permanecem intactas. O fascismo como fator político nas massas pequeno-burguesas ainda é relativamente débil (embora mais poderoso, apesar de tudo, do que parece aos parlamentares). Estes dois importantíssimos fatos políticos permitem dizer com firme convicção: nada está perdido ainda, a possibilidade de transformar a situação pré-revolucionária em situação revolucionária está completamente aberta.

Ora, em um país capitalista como a França, não pode haver lutas revolucionárias sem greve geral: se os operários e operárias, nas jornadas decisivas, permanecerem na fábrica, quem vai combater? A greve geral se inscreve assim na ordem do dia. Mas a questão do momento da greve geral é a questão de saber se as massas estão prontas para lutar e se as organizações operárias estão preparadas para conduzi-las ao combate.

As massas querem lutar?

É verdade que só falta a direção revolucionária? Não há uma grande força conservadora nas próprias massas, no proletariado? Vozes se levantam de diversos lados. E não é de assombrar! Quando se aproxima uma crise revolucionária, numerosos chefes, que temem responsabilidades, se escondem atrás do pseudoconservadorismo das massas. A História nos ensina que, algumas semanas, alguns dias mesmo antes da insurreição de Outubro, bolcheviques destacados como Zinoviev, Kamenev, Rikov (é inútil falar de outros, como Losovski, Manulsky, etc.) afirmavam que as massas estavam fatigadas e não queriam combater. E no entanto, como revolucionários, Zinoviev, Kamenev e Rikov estavam muito acima dos Cachin, Thorez e Monmousseau.

Quem disser que nosso proletariado não quer ou não é capaz de entrar na luta revolucionária lança uma calúnia, atribuindo a sua própria preguiça e covardia às massas trabalhadoras. Até agora, não houve um só caso, em Paris ou nas províncias, em que as massas tenham permanecido surdas a um chamado de cima.

O maior exemplo é a greve geral de 12 de fevereiro de 1934. Apesar da completa divisão da direção, da ausência de preparação séria, dos tenazes esforços dos chefes da CGT para reduzir o movimento ao mínimo (já que não podiam evitá-lo por completo), a greve geral teve o maior êxito que poderia ter em tais con-

dições. Claro: as massas queriam combater. Todo operário consciente deve refletir: se o próprio Jouhaux saiu um momento da imobilidade, a pressão da base deve ser bem poderosa. É certo que não se tratava de uma greve geral propriamente, mas apenas de uma manifestação de 24 horas. Mas esta limitação não foi colocada pelas massas: foi ditada de cima.⁽¹²⁾

A manifestação da praça da República, em 10 de fevereiro deste ano, confirma esta conclusão.⁽¹³⁾ O único instrumento que os centros dirigentes utilizaram para a preparação foi a válvula de incêndio. A única palavra de ordem que as massas escutaram foi: silêncio! E apesar de tudo o número de manifestantes superou todas as previsões. Nas províncias, a coisa se apresentou, e se apresenta, durante o último ano, absolutamente do mesmo modo. É impossível apresentar um único fato sério capaz de testemunhar que os chefes quiseram lutar e as massas se recusaram a segui-los. Sempre, e em todas as partes, observa-se a relação absolutamente inversa, que mantém toda sua força ainda hoje. A base quer lutar, as direções freiam. Aí está o perigo principal, que pode conduzir a uma verdadeira catástrofe.

As bases e as direções no interior dos partidos

A mesma relação pode ser encontrada não só entre os partidos (ou os sindicatos) e o proletariado, mas também no interior de cada partido. Assim, Frossard não tem o menor apoio na base da SFIO: os deputados e os prefetos, que desejam que tudo continue como no passado, são os únicos que o sustentam. *Marceau Pivert*, graças a suas intervenções cada vez mais claras e resolutas, se transforma em uma das figuras mais populares na base. Estamos dispostos a reconhecê-lo, até porque nunca renunciamos no passado, e nem renunciaremos no futuro, a dizer abertamente quando não estamos de acordo com Pivert.

Tomado como sintoma político, este fato supera de longe, por sua importância, a questão pessoal de Frossard e Pivert: mostra a tendência geral do desenvolvimento. *A base socialista, como a do Partido Comunista, está mais à esquerda, é mais revolucionária e mais audaciosa que as direções*: precisamente por isso está disposta a não oferecer sua confiança senão aos chefes mais

(12) Léon Jouhaux e o burô confederal da CGT tinham "negociado" com Doumergue a greve de 24 horas de 12 de fevereiro, destinada a "compensar" o efeito dos tumultos de 6 de fevereiro.

(13) Foi em 7 de fevereiro que a coordenação SFIO-PC decidiu chamar os parisienses a levarem flores à Place de la République no dia 10 de fevereiro de 1935, em homenagem aos mortos de fevereiro de 1934. Segundo os organizadores, o "desfile" foi realizado "na mais completa calma".

à esquerda. Mais que isso: empurra os socialistas sinceros cada vez mais à esquerda. Por que a base radicaliza por si mesma? Porque se encontra em contato direto com as massas populares, com sua miséria, sua revolta, seu ódio. Este sintoma é infalível. Pode-se confiar nele.

As "reivindicações imediatas" e a radicalização das massas

Os chefes do Partido Comunista, certamente, podem invocar o fato de que as massas não atendem a seus chamados. Ora, este fato não invalida, mas confirma nossa análise. As massas operárias compreendem o que os "chefes" não entendem: em condições de crise social muito grave, uma luta econômica parcial, que exige enormes esforços e sacrifícios, não pode, sozinha, dar resultados sérios. Pior ainda: pode enfraquecer e esgotar o proletariado. Os operários estão dispostos a participar de manifestações de luta e mesmo de uma greve geral, mas não de pequenas greves desgastadoras e sem perspectivas. Apesar dos chamados, os manifestos e os artigos de *L'Humanité*, os agitadores comunistas quase não se apresentam diante das massas pregando greves em nome de "reivindicações parciais imediatas". Sentem que os planos burocráticos dos chefes não correspondem nem à situação objetiva nem ao estado de ânimo das massas. Sem grandes perspectivas, as massas não poderão sequer iniciar a luta. A política de *L'Humanité* é a política de um pseudo-"realismo" artificial e falso. O fracasso da CGTU na declaração de greves parciais é a confirmação indireta, porém muito real, da profundidade da crise e da tensão moral nos bairros operários.

No entanto, não se deve crer que a radicalização das massas continuará por si mesma, automaticamente. A classe operária espera uma iniciativa de suas organizações. Quando chegar à conclusão de que suas esperanças são fraudadas -- e este momento, possivelmente, não está muito longe --, o processo de radicalização se interromperá e se transformará em manifestações de desmoralização, de prostração, em explosões isoladas de desespero. Na periferia do proletariado, as tendências anarquistas se juntarão às tendências fascistas. O vinho terá se tornado vinagre.

As mudanças no estado de ânimo político das massas exigem a maior atenção. Sondar esta dialética viva em cada etapa é a tarefa da agitação. No momento, a Frente Única continua cimosamente em atraso, tanto no que se refere ao desenvolvimento da crise social quanto ao estado de ânimo das massas. Entretanto, ainda é possível recuperar o tempo perdido. Mas é necessário não perder mais tempo. Nestes momentos, a história conta por meses e semanas, não por anos.

O programa e a greve geral

Para determinar em que grau as massas estão dispostas à greve geral, e ao mesmo tempo reforçar seu estado de ânimo combativo, é necessário oferecer-lhes um programa de ação revolucionária. Palavras de ordem parciais, tais como a abolição dos decretos-leis bonapartistas e do serviço militar de dois anos, seguramente encontrarão um lugar de destaque nesse programa. Mas essas duas palavras de ordem episódicas são absolutamente insuficientes.

Acima de todas as tarefas e reivindicações parciais de nossa época se encontra a questão do poder. Desde 6 de fevereiro de 1934, a questão do poder está abertamente colocada como uma questão de força. As eleições municipais e parlamentares podem ter sua importância, como avaliação das forças, nada mais. A questão será solucionada por meio do conflito declarado entre ambos os campos. Os governos do tipo Doumergue, Flandin, etc., não ocuparão o cenário senão até o momento do desenlace definitivo. Amanhã será ou o fascismo ou o proletariado quem governará a França.

É precisamente porque o atual regime estatal intermediário é extremamente instável que a greve geral pode alcançar grandes êxitos parciais, obrigando o governo a realizar concessões na questão dos decretos-leis bonapartistas, do serviço militar de dois anos, etc. Mas um êxito semelhante, valioso e importante em si mesmo, não restabelecerá o equilíbrio da "democracia": o capital financeiro redobrará subsídios ao fascismo e a questão do poder se apresentará com força duplicada, talvez após uma breve pausa.

A importância fundamental da greve geral, independentemente das vitórias parciais que pode conseguir (mas que, pode também não conseguir), está no fato de que coloca a questão do poder de um modo revolucionário. Ao paralisar as fábricas, os transportes, todos os meios de comunicação em geral, as usinas elétricas, etc., o proletariado paralisa assim não só a produção mas também o governo. O poder do Estado fica suspenso no ar. Deve, seja domar o proletariado mediante a fome e a força, obrigando-o a pôr de novo em movimento a maquinaria estatal burguesa, seja retroceder diante do proletariado.

Quaisquer que sejam as palavras de ordem e o motivo pelos quais tenha surgido a greve geral, se ela abrange realmente as massas e estas estão decididas a lutar, a greve geral coloca inevitavelmente ante todas as classes da nação a pergunta: quem vai ser o dono da casa?

Os chefes do proletariado devem compreender esta lógica interna da greve geral; do contrário, não são chefes, mas diletantes

e aventureiros. Politicamente, isto significa: os chefes estão obrigados a apresentar ao proletariado o problema da conquista revolucionária do poder. Caso contrário, não devem aventurar-se a falar de greve geral. Contudo, renunciando à greve geral, renunciam, por isso mesmo, a toda luta revolucionária, isto é, abandonam o proletariado ao fascismo.

Ou a capitulação completa ou a luta revolucionária pelo poder: é a alternativa que surge de todas as condições da crise atual. Quem não compreendeu esta alternativa, nada tem a fazer no campo do proletariado.

A greve geral e a CGT

A questão da greve geral se complica pelo fato de a CGT proclamar seu direito a declará-la e conduzi-la. Disso se conclui que esta questão nada tem a ver com os partidos operários. E o que à primeira vista é mais surpreendente, há parlamentares socialistas que consideram esta pretensão a ordem natural das coisas; na realidade, simplesmente querem desembaraçar-se dessa responsabilidade.

A greve geral, como seu nome já indica, tem o objetivo de abranger, dentro do possível, todo o proletariado. A CGT provavelmente não reúne em suas fileiras mais do que 5% a 8% do proletariado. A própria influência da CGT fora dos limites dos sindicatos é absolutamente insignificante, na medida em que, em certas questões, não coincide com a influência dos partidos operários. Pode-se, por exemplo, comparar a influência de *Le Peuple*¹⁵ com a de *Le Populaire* ou *L'Humanité*?

Por suas concepções e métodos, a direção da CGT está incomparavelmente mais distante das tarefas da época atual que a direção dos partidos operários. Quanto mais se desce das cúpulas do aparato até a base sindical, menos confiança existe em Jouhaux e seu grupo.¹⁶ A falta de confiança se converte, progressivamente, em desconfiança ativa. O atual aparato conservador da CGT será inevitavelmente varrido pelo desenvolvimento posterior da crise revolucionária.

A greve geral é, por sua essência, uma operação política. Opõe a classe operária em seu conjunto ao Estado burguês. Une os operários sindicalizados e não-sindicalizados, socialistas, comunistas e sem partido. Necessita de um aparato de imprensa e

(14) *Le Peuple* era o semanário da CGT.

(15) Trotsky faz aqui referência à sua experiência pessoal. Em Domène, onde morava escondido na França, ele intervinha na vida da unidade departamental da CGT, através de um militante trotskista, Alexis Bardin. O secretário dessa unidade, Marcel Sarré, dirigia uma corrente hostil ao reformismo de Jouhaux sem perder sua atitude crítica em relação aos dirigentes do PC e da CGTU.

de agitadores de tal magnitude que a CGT, sozinha, absolutamente não possui.

A greve geral coloca resolutamente a questão da conquista do poder pelo proletariado. A CGT, no passado, deu as costas a essa tarefa, e dá ainda hoje (os chefes da CGT se voltam para o poder burguês). Os próprios chefes da CGT, certamente, sentem que a direção da greve geral está acima de suas forças. Se, apesar de tudo isso, proclamam seu monopólio para dirigi-la, é porque esperam, desse modo, sufocar a greve antes que ela nasça.

E a greve geral de 12 de fevereiro de 1934? Não foi senão uma demonstração breve e pacífica imposta à CGT pelos operários socialistas e comunistas. Jouhaux e seus amigos tomaram a seu cargo a direção formal da resposta precisamente para impedir que se transformasse em greve geral revolucionária.

Nas instruções a seus propagandistas, a CGT comunicava: "No dia seguinte a 6 de fevereiro, a população trabalhadora e todos os democratas, convocados pela CGT, manifestaram sua firme vontade de barrar o caminho aos fascistas." Além de si mesma, a CGT não considerou nem os socialistas nem os comunistas; somente os "democratas". Nesta única frase está Jouhaux de corpo inteiro. Precisamente por isso é que seria criminoso confiar em Jouhaux para solucionar a questão de se a luta revolucionária é necessária ou não.

Naturalmente, na preparação e condução da greve geral, os sindicatos terão um papel muito influente, não em virtude de um monopólio, mas lado a lado com os partidos operários. Do ponto de vista revolucionário, é especialmente importante colaborar estreitamente com as organizações sindicais locais, mas sem o menor ataque a sua autonomia.

No que se refere à CGT, terá de incorporar-se à frente comum proletária, desligando-se dos "democratas" ou permanecer à margem. Colaborar lealmente com direitos iguais? Sim. Examinar em comum os prazos e meios para a condução da greve geral? Sim! Reconhecer a Jouhaux o monopólio de sufocar o movimento revolucionário? Jamais!

IV - SOCIALISMO E LUTA ARMADA

A grande lição de 6 de fevereiro de 1935¹⁶

Nesse dia -- 6 de fevereiro de 1935 --, as ligas fascistas tinham planejado manifestar-se na praça da Concorde. Que faz en-

(16) Trata-se do projeto de manifestação das ligas para comemorar o primeiro aniversário do 6 de fevereiro de 1934.